

História dos Hebreus

Na historiografia de Flávio Josefo fica bastante patente ao leitor a situação da diáspora do povo judeu após o cativeiro na Babilônia. Quando Ciro, o Grande, concede aos judeus a liberdade para retornarem a Jerusalém para reconstruir o Templo e a Cidade Sagrada (Livro XI, #486), muitos do povo decidem não voltar, mas continuar espalhados em cidades fora de Jerusalém, onde julgavam ter mais possibilidades de alcançar uma vida próspera. Essa leitura não deve causar espanto no leitor, uma vez que não apenas o mundo moderno reflete a nós o ateísmo grave no estado de Israel, como desde sua formação quando da saída do Egito, os judeus mesmo diante da presença física da divindade, se mostraram sempre duros de coração. Inesquecível a cena em que antes da travessia do Jordão, Moisés exorta o povo com duras palavras:

Circuncidai, pois, o vosso coração espiritual; retirando toda a obstrução carnal, e deixai de ser insubmissos e teimosos! – Dt 10:16

Aqui, a circuncisão do coração é um tipo do batismo de arrependimento na Nova Aliança, pois sabemos não ser a marca carnal aquela que agrada a Deus, mas a espiritual.

*Por isso Cristo, ao entrar no mundo, disse:
“O Senhor não quer sacrifícios nem ofertas, mas me preparou um corpo.*

O Senhor não se agrada de sacrifícios de animais mortos e queimados, ou de sacrifícios para tirar pecados.

*Então eu disse:
‘Eu estou aqui, ó Deus; eu vim para fazer a sua vontade, assim como está escrito a meu respeito no Livro da Lei’” – Hb 10:5-7*

Ainda no Império Romano esse espírito independente no povo judeu se fazia presente, é uma marca própria desse povo duro de coração. Ao ver o Império Romano se estender por todo o mundo, os judeus viram também a oportunidade de viver dentro do Império e fora da própria terra. Se outrora a Terra Prometida era a Palestina, agora era também Roma, Grécia, Síria, Egito e todo o mundo árabe. Os filhos de Abraão estavam espalhados por todo o território romano e isso lhes granjeava um poder de barganha considerável, uma vez que uma de suas principais características, a rebeldia, era conhecida de todo o mundo e considerada uma de suas principais forças. Aliada ao estilo de dominação romana que buscava não destruir as características culturais de seus reinos, mas antes preservá-las, os judeus arrancaram dos governos romanos em sua quase totalidade, o direito não apenas de continuar cultuando seu Deus no Templo, mas também de não tomar parte no culto a César. Situações houve em que o risco de perder essa benesse por parte do Imperador se viu à porta, mas com o auxílio de Deus o povo sempre conseguia mostrar quão vital é para um judeu preservar sua Religião, uma vez que esta é uma para com a própria História desse povo. Para os Hebreus não há diferença entre Religião e História, são ambas um registro do desenvolvimento da humanidade desde o Gênesis.

Com a ascensão de César Augusto ao poder, termina em Roma a era da República e se inicia a monarquia (JOSEFO, #796), sobre a qual o historiador afirma:

“Depois que Júlio César, calcando aos pés a ordem tão religiosamente observada por nossos pais, estabeleceu a sua injusta monarquia sobre as ruínas da República, não há calamidade que não tenha afligido a cidade de Roma.” -- #799

A sequência de imperadores realmente seguiu de forma a se fazer correta toda observação posterior relativa à tirania. Não apenas na República de Platão, como também nos escritos liberais dos grandes clássicos da literatura como “O caminho da servidão”, de Hayek, ou “A liberdade”, de Mills, a tirania romana deixou marcas que empurraram o mundo para a busca da fragmentação do poder com o fim de, se não erradicar os graves erros de gestão pública, ao menos dividir a culpa entre todos¹.

Após o reinado de César, sobe ao trono Tibério, um imperador que governou por mais de 20 anos com mão de ferro e, da Capital Roma, expulsou todos os judeus após uma ação de banditismo perpetrada por um grupo hebreu (#774). A respeito do reinado desse tirano, Josefo é modesto e não dedica muito de sua pena para registro e comentários. Passasse a narrativa a tratar sobre o governo de dois homens importantes para o destino dos judeus, o rei Agripa (que junto com Herodes, o Grande, dominam grande parte da narrativa de Josefo) e o imperador Caio Calígula.

Herodes Agripa, neto de Herodes, o Grande, governou em conjunto com Herodes Antípaso, o Tetrarca, sendo concedido ao primeiro reinar sobre o território sírio, enquanto ao tetrarca foi destinada a Galiléia quando da divisão do reino de seu avô. Durante o império de Tibério, o rei Agripa foi preso injustamente após uma conspiração de desafetos seus, que encontrando no coração do imperador uma predisposição para punir Agripa – mágoa antiga, de quando Agripa preteriu Tibério Neto e dedicou-se a cuidar estritamente de Caio, outro neto do imperador --, conseguiram lançá-lo ao cárcere, período no qual o rei foi agrilhoado com uma cadeia de ferro. Ao longo da descrição da prisão de Agripa, Josefo, relata um episódio curioso. Segue:

Um dia, quando Agripa estava com outros prisioneiros diante do palácio, a debilidade causada pela tristeza fez com que ele se apoiasse a uma árvore, sobre a qual uma coruja veio pousar. Um alemão, que estava entre os prisioneiros, tendo-o notado, perguntou ao soldado que o vigiava e que estava acorrentado com ele quem era aquele homem. Ao saber que era Agripa, o mais notável de todos os judeus pela glória de sua origem, rogou ao soldado que lhe permitisse aproximar-se dele, a fim de que pudesse ouvir de sua boca alguma coisa sobre os costumes de seu país. O soldado consentiu.

Então, por meio de um intérprete, o alemão disse a Agripa: "Bem vejo que uma tão grande e repentina mudança em vossa sorte vos aflige, e dificilmente acreditareis que a divina providência vos dará a liberdade muito em breve. Mas tomo os deuses como testemunhas, os deuses que adoro e são reverenciados neste país, os quais me puseram nestas cadeias, de que o que vos tenho a dizer não é uma vã consolação, sabendo, como sei, que predições favoráveis, quando não são seguidas de seus efeitos, só nos servem para aumentar a tristeza. Quero, pois, dizer-vos, embora com

¹ Constatação que apesar de ser medonha é o que se transformou a análise das democracias ao redor do mundo por todo o século XX e início do XXI, todos concordam que a democracia é uma porcaria, mas sustentam o modelo como o “menos pior” afinal somos todos culpados, sendo mais fácil trabalhar com um culpado abstrato do que com um tirano personificado.

perigo, o que pressagia essa ave que acaba de voar sobre a vossa cabeça. Estareis bem depressa em liberdade e elevado a tão grande poder que sereis invejado por aqueles que agora têm compaixão de vossa infelicidade. Sereis feliz durante o resto de vossa vida e deixareis filhos que sucederão à vossa felicidade. Mas quando virdes aparecer de novo essa mesma ave, sabei que somente vos restarão cinco dias de vida. Eis como os deuses vos pressagiam, e, como tenho conhecimento disso, julguei oportuno dar-vos essa alegria, para amenizar os vossos males presentes com a esperança de tantos bens futuros. E, quando vos encontrardes em tão grande prosperidade, peço-vos que não vos esqueçais da miséria em que me encontro e que me deis a liberdade".

Esse episódio marca a história de Agripa pois em verdade tudo o que aqui foi descrito pelo “alemão”, veio a acontecer assim como anunciado.

Assim que Caio Calígula sobe ao trono, após a morte de Tibério, Agripa não apenas é libertado da prisão como é presenteado com uma cadeia de ouro puro, de mesmo peso que a cadeia de ferro com a qual havia amargado pena na prisão. É recompensado pela injustiça e passará todo o reinado de Calígula agraciado pelo imperador, estando presente inclusive na morte de Caio após quatro anos de tirania deste que foi um dos mais nefastos governantes que já subiram ao trono de um grande império na História.

Caio Calígula é conhecido de todos, dispensa apresentações sobre suas ações profanas à fé e de ridicularização do poder político. Atentou contra a moral, mantendo relações incestuosas com as próprias irmãs; atentou contra o poder político, transformando o palácio imperial em um prostíbulo e trabalhando para nomear seu cavalo como senador e sacerdote; atentou contra a fé, ordenando que fossem colocadas estátuas suas nos templos de povos súditos ao redor do império. O caos perpetrado por Caio em Roma foi tamanho que, após pouco mais de quatro anos, matá-lo era desejo e saída única para a corte romana. O imperador destruía as bases cívicas e religiosas do Império, o que levou um grupo pretoriano de alto escalão a iniciar uma trama que culminou com o assassinato do imperador no teatro. Chereas, pretoriano da confiança de toda a corte e do senado foi o principal líder do atentado, e o responsável por desferir o golpe de espada que deu início ao assassinato de Caio Calígula.

Após a morte do imperador, Agripa volta para seu reino e leva consigo a cadeia de ouro que trazia como lembrança da restituição de sua honra e liberdade, coloca a cadeia no Templo em Jerusalém e vive seus últimos anos de governo até ver cumprido o presságio do alemão que o reconheceu nos tempos de prisão. Interessante o relato de Josefo quanto aos momentos finais de Agripa, uma vez que complementam o registro bíblico que pode ser encontrado no livro de Atos dos Apóstolos, capítulo 12, versos 21 a 23:

“E, num dia designado, vestindo Herodes as vestes reais, estava assentado no seu trono e lhes dirigiu um discurso. E o povo gritava, dizendo: Esta é a voz de um deus, e não de um homem. E imediatamente, o anjo do Senhor feriu-o, porque ele não deu glória a Deus; e ele foi comido pelos vermes, e rendeu o espírito.”

O relato em Josefo #828:

No terceiro ano de seu reinado, celebrou na cidade de Cesaréia, antes conhecida como a torre de Estratão, jogos solenes em honra ao imperador. Os principais do



reino e toda a nobreza da província reuniram-se nessa festa. No segundo dia dos espetáculos, Agripa chegou bem cedo pela manhã ao teatro. Usava uma veste trabalhada com muita arte, cujo forro era de prata, e, quando o sol o iluminava com os seus raios, emitia tão vivos reflexos de luz que não se podia olhar para ele sem se sentir tomado por um respeito misto de temor. Então alguns mesquinhos bajuladores, com palavras melífluas, mas que destilam veneno mortal sobre o coração dos príncipes, começaram a dizer que até então haviam considerado o seu rei um simples homem, porém dari em diante o iriam reverenciar como a um deus, rogando-lhe que se lhes mostrasse favorável, pois parecia que ele não era como os demais, de condição mortal.

Agripa tolerou essa impiedade, que deveria ter sido castigada com muito rigor. E logo ele levantou os olhos e viu uma coruja por sobre a sua cabeça, pousada numa corda estendida no ar, e lembrou-se de que aquela ave era agora um presságio de sua desgraça, tal como outrora havia sido o prenúncio de sua prosperidade. Soltou então um profundo suspiro, ao mesmo tempo que começou a sentir as entranhas roídas por uma dor horrível. E, voltando-se para os seus amigos, disse-lhes: "Aquele que pretendéis fazer acreditar que é imortal está prestes a morrer. A providência divina veio desmascarar a vossa mentira. Mas é preciso aceitar as determinações de Deus, apesar de eu ter sido muito feliz, a ponto de não haver príncipe de quem eu invejasse a felicidade". Dizendo essas palavras, ele sentiu que as dores aumentavam. Levaram-no ao palácio, e a notícia de que ele estava prestes a exalar o último suspiro espalhou-se imediatamente. Logo todo o povo, com a cabeça coberta por um saco, segundo o costume de nossos pais, fez orações a Deus pela sua saúde, e todo o ar ressoava com gritos e lamentações. O príncipe, que estava no quarto mais alto do palácio, vendo-os de lá prostrados em terra, não pôde reter as lágrimas. As dores, porém, continuaram por cinco dias a fio e o levaram desta vida, aos cinqüenta e quatro anos de idade e sete de reinado.

*Fernando Melo
Brasília, 1 de dezembro de 2021.*